



UNIVERSIDADE
VILA VELHA
ESPÍRITO SANTO

UNIVERSIDADE VILA VELHA
NUTRIÇÃO

PAULA LAIANE DIAS ROCHA

**AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DE ESTUDANTES DE NUTRIÇÃO QUANTO
AOS CUIDADOS DE SAÚDE E NUTRIÇÃO DE PESSOAS LGBTQIAP+**

VILA VELHA

2024

PAULA LAIANE DIAS ROCHA

**AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DE ESTUDANTES DE NUTRIÇÃO QUANTO
AOS CUIDADOS DE SAÚDE E NUTRIÇÃO DE PESSOAS LGBTQIAP+**

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado a
Universidade de Vila Velha como pré-requisito do
programa de graduação em Nutrição.
Orientador: Prof. Dr. Marcelo Eliseu Sipioni

**VILA VELHA
2024**

PAULA LAIANE DIAS ROCHA

**AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DE ESTUDANTES DE NUTRIÇÃO QUANTO
AOS CUIDADOS DE SAÚDE E NUTRIÇÃO DE PESSOAS LGBTQIAP+**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Vila Velha como pré-requisito do programa de graduação em Nutrição.

Aprovado em ____ de _____ de 2024.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Eliseu Sipioni
Universidade Vila Velha
Orientador

Prof. Dr. Fernanda Semião Garcia Pedra
Universidade Vila velha
Convidado

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 METODOLOGIA	8
3 RESULTADOS.....	10
4 DISCUSSÃO	12
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
7 REFERÊNCIAS.....	17

RESUMO

Este estudo teve como objetivo avaliar o conhecimento de estudantes de nutrição quanto aos cuidados de saúde e nutrição direcionados à população LGBTQIAP+, destacando a importância de uma formação inclusiva e respeitosa à diversidade. A pesquisa, de natureza quantitativa descritiva, foi realizada com 28 alunos do curso de nutrição de uma instituição de ensino particular localizada no município de Vila Velha - ES. Utilizou-se um questionário estruturado para avaliar a percepção dos estudantes sobre a inclusão da temática em sua formação, o nível de conhecimento sobre as especificidades dessa população e o interesse em aprofundar o tema. Os resultados indicaram que a maioria dos alunos (60,71%) não recebeu informações específicas sobre cuidados nutricionais para a comunidade LGBTQIAP+, embora 57,14% reconheçam a relevância de abordar essa questão durante a graduação. Conclui-se que a inserção de temas relacionados à diversidade sexual e de gênero pode contribuir para um atendimento mais sensível e humanizado.

Palavras-chave: Nutrição LGBTQIAP+; atendimento nutricional inclusivo; formação acadêmica

1 INTRODUÇÃO

A nutrição enquanto ciência e prática voltada para a promoção da saúde, deve ser fundamentada em princípios éticos que garantam o respeito à diversidade. O Art. 3º do Código de Ética e Conduta do Nutricionista diz:

O nutricionista deve desempenhar suas atribuições respeitando a vida, a singularidade e pluralidade, as dimensões culturais e religiosas, de gênero, de classe social, raça e etnia, a liberdade e diversidade das práticas alimentares, de forma dialógica, sem discriminação de qualquer natureza em suas relações profissionais (CFN, 2018, p. 10).

Nesse contexto, a formação de estudantes de nutrição deve fortalecer a compreensão das realidades e dos desafios enfrentados pela população LGBTQIAP+, visando promover um atendimento que respeite e acolha suas vivências e especificidades.

Segundo Bagni et al (2024), “a sigla LGBTQIAP+ é utilizada para se referir ao grupo de pessoas que apresentam diversidade em relação ao sexo biológico, identidade de gênero, expressão de gênero e/ou orientação afetivo-sexual.” (Bagni et al., 2024, p. 222).

A identidade de gênero e sexualidade podem ser fluídas ao longo da vida, o gênero é a construção social, é a maneira como a pessoa se enxerga, não necessariamente está ligado ao sexo biológico, que se relaciona com a caracterização segundo seus órgãos sexuais de nascimento, além de características secundárias como hormônios e cromossomos. As pessoas que não se identificam com seu sexo biológico podem ser consideradas transgênero, abrangendo tanto pessoas binárias quanto não binárias (Bagni et al., 2024).

Diferente do conceito de gênero, a orientação afetivo-sexual refere-se à forma como uma pessoa se relaciona afetiva ou sexualmente. Isso pode incluir relacionamentos com indivíduos de sexo ou gênero semelhante, oposto, ou ainda aqueles que experienciam pouca ou nenhuma atração sexual, como as pessoas assexuais (Bagni et al., 2024). Interessante evidenciar que as identidades, sejam elas afetivo-sexuais ou de gênero não determinam uma pessoa, principalmente por vivermos em uma sociedade complexa e plural.

A marginalização e o estigma associados a essa comunidade influenciam suas experiências e necessidades alimentares, exigindo uma atenção especial à conduta do atendimento. Na área da nutrição há poucos estudos sobre a população LGBTQIAP+, a maior parte das fórmulas e diretrizes utilizadas na avaliação nutricional, consideram somente o sexo biológico, sem levar em consideração que essa população possui diversas vulnerabilidades que vão desde a dificuldade de inserção no mercado de trabalho formal, além de outros fatores que podem predispor a condição de transtornos alimentares e distorção da imagem, somados a insatisfação corporal devido ao padrão de corpo e beleza baseado na pressão estética heterocisnormativa (Rizzieri *et al.*, 2021).

Essas questões são ainda mais intensificadas em pessoas transgênero, estudos sobre o acesso à saúde dessa população revelam que a discriminação é um dos principais obstáculos, levando a uma resistência na procura desses serviços. Além disso, frequentemente há uma patologização da transexualidade, muitos profissionais de saúde carecem do conhecimento necessário para oferecer um atendimento adequado. Essas séries de constrangimentos resultam na subutilização dos serviços de saúde de maneira geral (Rocon apud Rizzieri *et al.*, 2019, p.10).

Pesquisas em outros países apontam como relações alimentares são afetadas pela identidade de gênero nas comunidades trans. De modo geral, a alimentação é um meio de minimizar o sofrimento social nessas pessoas e, em certos contextos, o estigma vivido pode agravar situações de carência alimentar, contribuindo para a alta prevalência de insegurança alimentar, dietas baseadas em alimentos ultraprocessados e dificuldades no acesso a redes adequadas de assistência nutricional (Gomes *et al.*, 2021).

Ainda segundo Gomes (2022), em sua tese sobre a vulnerabilidade de pessoas transgênero à insegurança alimentar de 2022, 20,2% da população do estudo experimentou insegurança alimentar severa e 68,8% enfrentaram algum grau de insegurança alimentar durante a pandemia de COVID-19 (Gomes, 2022).

Essa temática é pouco abordada nos cursos da área da saúde, se limitando, na maioria das vezes, nos padrões “heterocisnormativos”. A falta de registros e reconhecimento da população LGBTQIAP+ por órgãos oficiais resulta em uma invisibilidade da comunidade no contexto institucional. Quando grupos não são contabilizados ou reconhecidos estatisticamente, suas necessidades e demandas não são levadas em consideração, levando a uma marginalização e a um apagamento de suas necessidades e/ou demandas (Bagni *et al.*, 2024).

Se pessoas da comunidade LGBTQIAP+ não se sentem confortáveis buscando serviços de saúde, isso evidencia a carência de capacitação dos profissionais quanto as especificidades que essa população pode ter. Assim, cabe indagar, a graduação em nutrição contempla disciplinas que abordem a diversidade dessa população e métodos para capacitar os futuros profissionais ao atendimento adequado? Os estudantes se sentem preparados para lidar com as questões relacionadas à saúde de pessoas LGBTQIAP+ ao final de sua formação?

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo avaliar o conhecimento dos estudantes de nutrição acerca dos cuidados de saúde e nutrição voltados a essa comunidade, destacando a importância de uma prática profissional que respeite e valorize a pluralidade para um atendimento mais inclusivo e afetivo.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa é classificada como quantitativa descritiva, pois coleta, analisa e apresenta dados numéricos relacionados às atitudes e comportamentos dos alunos estudados. Além disso, é utilizada para medir opiniões de um determinado universo por meio de uma amostra (Manzato *et al.*, 2012).

A população escolhida para este estudo é composta por alunos do curso de Nutrição, entre o 3º e 8º período, pertencentes a uma instituição de ensino particular localizada no município de Vila Velha. As modalidades de graduação incluem tanto o formato semipresencial quanto o presencial, o que proporciona uma diversidade nas experiências de aprendizado. Essa escolha visa garantir uma amostra representativa, permitindo uma análise abrangente do conhecimento dos alunos em relação à saúde e nutrição da população LGBTQIAP+, considerando diferentes contextos acadêmicos.

Foi elaborado um questionário com 11 questões objetivas, baseadas nas assertivas dos autores Barchin *et al* (2021) no estudo que avalia a percepção de alunos de graduação da área da saúde acerca da abordagem da saúde de LGBTQIAP+. As perguntas foram estruturadas de forma a garantir uma compreensão clara por parte dos participantes. O questionário foi disponibilizado utilizando o “Google Forms” e, posteriormente, compartilhado por meio do aplicativo de mensagens “*WhatsApp*”. As quatro primeiras perguntas tinham como objetivo coletar informações sobre o perfil sociodemográfico dos respondentes, incluindo idade, gênero, pertencimento à comunidade LGBTQIAP+ e modalidade de ensino (presencial ou semipresencial). Esses dados iniciais são fundamentais para contextualizar informações coletadas e compreender melhor as características dos estudantes participantes.

Em seguida, o questionário incluiu questões sobre a percepção do aluno quanto ao atendimento de pessoas LGBTQIAP+, o conhecimento sobre as especificidades, além de questões com o objetivo de avaliar se esse assunto foi abordado ao longo da graduação. Essa parte do questionário também buscou investigar o nível de interesse dos estudantes pela temática relacionada à saúde e nutrição dessa comunidade, promovendo uma reflexão sobre a relevância do tema em sua formação acadêmica e futura atuação profissional.

Os graduandos que aceitaram colaborar com a pesquisa receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) junto ao questionário, elaborado conforme a Resolução 466 de dezembro de 2012, que estabelece as diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos. Esse documento aborda os aspectos éticos fundamentais como o objetivo da pesquisa, os métodos e procedimentos a serem utilizados, os riscos e benefícios da participação, a garantia de confidencialidade, o direito de recusa a qualquer momento, e informações de contato para esclarecimentos (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2012). Ao assinar o TCLE, os participantes consentem livremente em participar da pesquisa, cientes de todas as informações fornecidas.

Para a estruturação do questionário foi utilizada a escala de Likert de cinco pontos com as seguintes opções: 1 “discordo totalmente”, 2 “discordo parcialmente”, 3 “nem concordo nem discordo”, 4 “concordo parcialmente” e 5 “concordo totalmente”. Esse tipo de escala permite avaliar o nível de compreensão de opinião por meio de concordância e discordância apresentando também grau de intensidade nas respostas (Cunha, 2007, p.24).

Por fim, após a coleta, as respostas foram tabuladas para análise por meio de frequência relativa, disposta em tabela, exibido neste trabalho para melhor compreensão.

3 RESULTADOS

Foram coletadas 28 respostas no questionário, com uma predominância significativa do público feminino, que representou 89,3% (25) dos participantes. Apenas 3 alunos (10,7%) se identificaram como do gênero masculino e participaram da pesquisa.

Em relação ao tipo de graduação 32,1% (9) estão matriculados na modalidade presencial e 67,9% (19) no curso semipresencial.

A idade dos participantes varia entre 20 e 35 anos, representando 67,9% do grupo, com média de 33,5 anos e mediana de 31,1 anos. No ensino presencial, a média de idade é de 27,5 anos, com o mesmo valor de mediana. No formato semipresencial, a média é de 36,3 anos e a mediana é de 34,3 anos. Apenas 14,3% (4) se identificaram como parte da comunidade LGBTQIAP+.

A Tabela 1 apresentou os resultados da pesquisa considerando a variável ordinal as respostas na escala de Likert. Embora a amostra seja pequena, é possível identificar algumas diferenças nas opiniões dos participantes. Em determinadas perguntas, observa-se um maior nível de consenso, como nas questões 5 e 9, que investigaram se, durante a graduação, os alunos receberam diretrizes sobre os cuidados em saúde e nutrição voltados para a população LGBTQIAP+. Em ambas as questões, 60,71% dos participantes discordaram totalmente de ter recebido orientações durante a formação.

Ao questionar a importância dessa temática na pergunta 11 – “Você acredita que a inclusão dessa temática durante a graduação em nutrição é importante?”, 57,14% dos participantes concordaram totalmente, enquanto apenas 14,29% discordaram totalmente.

Tabela 1 – Respostas obtidas às perguntas direcionadas e estudantes de nutrição de uma instituição particular de ensino de Vila Velha-ES quanto aos conhecimentos sobre cuidado em saúde e nutrição de pessoas LGBTQIAP+, 2024.

Questões	Escala	Ensino presencial		Ensino semipresencial		Total	
		N	%	N	%	N	%
5 - Durante a graduação recebi informações específicas para o cuidado em saúde e nutrição da população LGBTQIAP+?	DT	4,00	44,44	13,00	68,42	17,00	60,71
	DP	2,00	22,22	1,00	5,26	3,00	10,71
	NC,ND	1,00	11,11	2,00	10,53	3,00	10,71
	CP	1,00	11,11	2,00	10,53	3,00	10,71
	CT	1,00	11,11	1,00	5,26	2,00	7,14
6 - Você acredita que os cuidados nutricionais para a população LGBTQIAP+ apresentam diferenças em relação aos cuidados para pessoas heterocisnormativas?	DT	3,00	33,33	5,00	26,32	8,00	28,57
	DP	1,00	11,11	1,00	5,26	2,00	7,14
	NC,ND	2,00	22,22	3,00	15,79	5,00	17,86
	CP	2,00	22,22	5,00	26,32	7,00	25,00
	CT	1,00	11,11	5,00	26,32	6,00	21,43
7 - Você acha que a discriminação e o preconceito podem afetar os hábitos alimentares e a saúde nutricional da população LGBTQIAP+?	DT	0,00	0,00	2,00	10,53	2,00	7,14
	DP	0,00	0,00	2,00	10,53	2,00	7,14
	NC,ND	3,00	33,33	2,00	10,53	5,00	17,86
	CP	1,00	11,11	7,00	36,84	8,00	28,57
	CT	5,00	55,56	6,00	31,58	11,00	39,29
8 - Pensando em avaliação nutricional, você se sente capacitado para fazer uma boa avaliação antropométrica e de consumo alimentar em pessoas LGBTQIAP+?	DT	1,00	11,11	3,00	15,79	4,00	14,29
	DP	2,00	22,22	4,00	21,05	6,00	21,43
	NC,ND	1,00	11,11	3,00	15,79	4,00	14,29
	CP	2,00	22,22	4,00	21,05	6,00	21,43
	CT	3,00	33,33	5,00	26,32	8,00	28,57
9 - A política Nacional de Saúde Integral da População LGBT foi abordada durante a sua graduação?	DT	5,00	55,56	12,00	63,16	17,00	60,71
	DP	0,00	0,00	2,00	10,53	2,00	7,14
	NC,ND	3,00	33,33	3,00	15,79	6,00	21,43
	CP	1,00	11,11	1,00	5,26	2,00	7,14
	CT	0,00	0,00	1,00	5,26	1,00	3,57
10 - Você tem interesse em aprofundar seus conhecimentos sobre a saúde da população LGBTQIAP+?	DT	2,00	22,22	2,00	10,53	4,00	14,29
	DP	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
	NC,ND	4,00	44,44	3,00	15,79	7,00	25,00
	CP	1,00	11,11	8,00	42,11	9,00	32,14
	CT	2,00	22,22	6,00	31,58	8,00	28,57
11 - Você acredita que a inclusão dessa temática durante a graduação em nutrição é importante?	DT	2,00	22,22	2,00	10,53	4,00	14,29
	DP	1,00	11,11	0,00	0,00	1,00	3,57
	NC,ND	1,00	11,11	0,00	0,00	1,00	3,57
	CP	2,00	22,22	4,00	21,05	6,00	21,43
	CT	3,00	33,33	13,00	68,42	16,00	57,14

Fonte: próprio autor

* DT: Discordo totalmente; DP: Discordo parcialmente; NC, ND: Nem concordo, nem discordo;

CP: Concordo parcialmente; CT: Concordo totalmente

Por outro lado, nas questões 6, 8 e 10, os resultados são mais dispersos. A pergunta 6 questiona se os cuidados nutricionais da comunidade possuem diferenças aos heterocisnormativos, 28,57% dos alunos discordam totalmente dessa questão, 25% concordam parcialmente e 17,86% não concordam nem discordam.

Ao pensar no preparo para realizar a avaliação nutricional na pergunta 8, os resultados também foram heterogêneos, 28,57% concordam totalmente que estão capacitados, enquanto 21,43% discordam parcialmente.

Por fim, sobre o interesse dos alunos quanto a essa temática na questão 10, 32,14% concordam parcialmente, 25% não concordam nem discordam e 14,29% discordam totalmente que possuem interesse pessoal em aprofundar seus conhecimentos. Apesar dos resultados dessa questão, na pergunta 11 em que é questionado a importância da temática durante a graduação, 57,14% concordam totalmente que essa inclusão é importante.

4 DISCUSSÃO

Diretrizes curriculares desempenham um papel importante na definição do conteúdo dos cursos. Elas ajudam a estruturar o currículo, assegurando que os estudantes aprendam temas relevantes. Isso é fundamental para preparar os alunos para lidar com as mudanças da sociedade, incluindo questões de diversidade e inclusão, como aquelas relacionadas à população LGBTQIAP+ (Barchin *et al.*, 2021).

De acordo com a tabela apresentada, a pergunta 5 questiona se os alunos receberam informações específicas para os cuidados em saúde e nutrição das pessoas LGBTQIAP+ durante a graduação, os resultados mostraram que 60,71% dos participantes discordaram totalmente, enquanto apenas 7,14% concordaram que receberam informações específicas para os cuidados dessa comunidade. Esses dados sugerem que o tema pode não ter sido amplamente abordado durante o curso.

Uma pesquisa realizada pelos autores Barchin *et al*, em uma instituição privada no estado de São Paulo, analisou a percepção de alunos de vários cursos da área da saúde sobre a abordagem em saúde da população LGBTQIAP+. Os resultados mostraram que apenas 39,70% dos participantes concordaram total ou parcialmente que sua formação os preparou para atender integralmente essa população, levando em consideração suas individualidades como determinantes de saúde (Barchin *et al.*, 2021, p.180). Esses resultados reforçam ainda mais a ideia anterior, de que a temática não é suficientemente discutida na formação acadêmica.

Essa discordância também é evidenciada na questão sobre o conhecimento da Política Nacional de Saúde Integral da População LGBT (9) em que foram obtidos os mesmos resultados da pergunta 5, em que 60,71% dos participantes alegam que esse tema não foi abordado durante a graduação, enquanto 21,43% responderam de forma neutra “não concordo, nem discordo”. O mesmo questionamento foi aplicado na pesquisa anteriormente mencionada, em que 65,97% dos participantes discordaram totalmente da assertiva – “A Política Nacional de Saúde Integral da População LGBTQ foi abordada durante minha formação acadêmica.” (Barchin *et al.*, 2021, p.180). Sendo essa política um projeto que busca garantir acesso igualitário aos serviços de saúde, respeitando a diversidade sexual e de gênero, seu conhecimento se faz importante para a formação dos futuros nutricionistas.

Um estudo realizado pelos autores Rizzieri *et al.* (2022) abordou a saúde LGBTQIAP+ no curso de nutrição e a importância da pluralidade na ementa curricular investigando se essa temática estava presente nas matrizes curriculares dos cursos de Nutrição em universidades públicas do Brasil. Das 40 faculdades federais que oferecem curso de bacharelado em nutrição, somente três tinham como ementas em disciplinas optativas a saúde LGBTQIAP+ (Rizzieri *et al.*, 2022, p.12). Esses dados revelam uma lacuna significativa na formação dos alunos, que pode ter implicações diretas na qualidade do atendimento a essa população. É interessante que durante a graduação em nutrição tenham discussões aprofundadas sobre a saúde da comunidade. A inclusão desses temas não apenas promoveria uma formação mais completa e sensível às necessidades dessa comunidade, mas também prepararia melhor os futuros profissionais para atuarem em um ambiente cada vez mais plural e inclusivo.

Muitas vezes, pessoas LGBTQIAP+ hesitam em buscar serviços de saúde por temerem discriminação devido à falta de preparo dos profissionais que atuam nesses locais. Essa resistência é compreensível, pois práticas discriminatórias têm sido notadas em todos os níveis de atendimento, desde estudantes até profissionais formados. Raramente a orientação sexual é tratada de forma natural ou como um fator que poderia contribuir para um atendimento mais atencioso (Barchin *et al.*, 2021).

Nas perguntas que questionam se existem diferenças no atendimento de pessoas inseridas na comunidade, e se a discriminação e o preconceito dessa população podem afetar os hábitos alimentares, as respostas obtidas foram, de certa forma, divididas. Variação essa que talvez possa ser interpretada pela falta de conhecimento sobre a comunidade LGBTQIAP+. 28,57% dos participantes discordaram totalmente que os cuidados nutricionais para essas pessoas apresentaram diferenças, enquanto 25% concordam parcialmente e 17,86% nem concordam nem discordam.

De fato, ao abordar os cuidados nutricionais, pode ser comum que nosso primeiro pensamento seja que não exista diferenças no atendimento, que a orientação afetivo-sexual ou identidade de gênero não alteraria a conduta. Porém na prática, pode ignorar as necessidades de grupos como esse. Tratar todos com uma mesma abordagem pode na verdade perpetuar desigualdades, pois desconsidera as diferentes experiências e desafios enfrentados por essas pessoas. O preconceito e a falta de aceitação social geram consequências, como a insatisfação com o próprio corpo em pessoas transgênero, distúrbios alimentares, restrições ou compulsões, além da distorção da imagem corporal (Carmo *et al.*, 2022).

Cada sigla dessa comunidade possui especificidades que muitas vezes nos faltam diretrizes para compreender. Pessoas transgênero podem ou não passar por hormonização para modificação corporal, esse processo pode trazer maior predisposição para o desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis, fazendo-se necessário o acompanhamento mais próximo do seu estado de saúde (Bagni *et al.*, 2024). Um estudo sobre transtornos alimentares em minorias de gênero revelou que homens gays e bissexuais apresentam maior risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares, por se sentirem sob pressão para alcançar um corpo magro e musculoso, isso pode gerar hábitos alimentares poucos saudáveis (BROWN apud ESTIMA *et al.*, 2023 p. 98).

Ainda sobre a avaliação nutricional, a pergunta 8 foi elaborada para provocar uma reflexão nos alunos sobre as possíveis diferenças nessa avaliação. A princípio, pode-se pensar que não existem diferenças nos métodos tradicionais. No entanto, ao considerar as pessoas trans, é importante lembrar que muitas dessas passam por modificações corporais que podem impactar essa avaliação, principalmente em hormonização. Deve-se ter cautela ao aplicar equações que levam em conta gênero (homem e mulher cisgênero) para avaliar a composição corporal de homens e mulheres transgêneros em hormonização, uma vez que essa prática pode ser imprecisa e requer atenção especial (BAGNI *et al.*, 2024). A falta de consenso nas respostas obtidas pode indicar um despreparo ou insegurança na abordagem da avaliação nutricional voltada para essa população.

Por fim, as duas últimas questões abordam o interesse dos estudantes em relação a essa temática e sua percepção sobre a importância da inclusão ao longo da graduação. 14,29% dos alunos discordaram totalmente do interesse em aprofundar seus conhecimentos sobre a saúde e nutrição da população LGBTQIAP+, 32,14% concordaram parcialmente e 25% não concordaram nem discordaram. Esse desacordo nas respostas pode indicar que, embora haja um interesse significativo, alguns alunos ainda não se sentem motivados a explorar esse tema. Além disso, essa ausência de interesse pode refletir não apenas uma falta de motivação para buscar conhecimento sobre minorias, mas também uma possível resistência ou preconceito em relação a essa comunidade.

Essa interpretação, sem intenção de ser conclusiva, sugere que barreiras sociais ou estigmas ainda podem influenciar a disposição dos estudantes em se engajar com tópicos relacionados à diversidade. Apesar dos resultados heterogêneos sobre o interesse pessoal, 57,14% dos participantes concordam totalmente que a inclusão do tema durante a graduação é importante. Essa concordância pode indicar que há uma demanda para que a temática seja mais explorada nos cursos de nutrição, permitindo que os futuros profissionais compreendam melhor a pluralidade dessa comunidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo permitiu avaliar como os alunos de nutrição percebem os cuidados em saúde e nutrição das pessoas LGBTQIAP+. Os dados obtidos revelam um cenário em que, apesar de algumas resistências, há um reconhecimento crescente da importância de incluir a saúde dessa população na formação acadêmica dos nutricionistas.

A implementação de diretrizes que garantam essa abordagem não apenas prepara os alunos para enfrentar os desafios reais da prática profissional, mas também contribui para a criação de um ambiente de saúde mais equitativo e acolhedor.

É fundamental ressaltar que a assistência nutricional vai além da elaboração de planos alimentares, ela também considera as diversas nuances que afetam a saúde de grupos minoritários. Para que isso ocorra, é essencial que os profissionais de saúde reconheçam e evidenciem as especificidades dessas populações, promovendo um espaço para mais estudos e discussões sobre suas necessidades.

REFERÊNCIAS

BARCHIN, V. F. *et al.* Percepção de alunos de graduação da área da saúde acerca da abordagem sobre a saúde de LGBTI+. **Mundo da Saúde**, v. 45, p. 175-186, e0052021, 2021. Disponível em: <https://revistamundoda.saude.emnuvens.com.br/mundodasaude/article/download/1081/1055/2191>.

BAGNI, Úrsula V.; FERREIRA, Aline A.; BORGES, Thaís Lima D. **Nutrição inclusiva: diversidade e inclusão em alimentação e nutrição**. Barueri: Manole, 2024. E-book. pág. 222. ISBN 9788520466056. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788520466056/>.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Sistema Único de Saúde**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/sus>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Brasília: 1. Ed, Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/equidade/publicacoes/publico-lgbt/politica-nacional-de-saude-integral-lgbt>.

BRASIL. **Resolução nº 2.265, de 20 de setembro de 2019**. Dispõe sobre o cuidado específico à saúde da população LGBTQIA+. Diário Oficial da União, 2019. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-n-2.265-de-20-de-setembro-de-2019-237203294#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20cuidado%20espec%C3%ADfico,Resolu%C3%A7%C3%A3o%20CFM%20n%C2%BA%201.955%2F2010>.

BROWN, T.; KEEL, P. *Relationship status predicts lower restrictive eating pathology for bisexual and gay men across 10-year follow-up*. **Int J Eat Disord**. v.48, n.6, 2015. p.700-7. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC6141356/>

CARMO, Catiane *et al.* **Transtornos alimentares em pessoas transgêneros**. XI Congresso Virtual de Gestão, Educação e Promoção da Saúde. Convibra, 2022. Disponível em: <https://convibra.org/publicacao/27942/>

CONSELHO FEDERAL DE NUTRICIONISTAS. **Código de Ética e Conduta do Nutricionista**, 2018. Disponível em: <https://www.cfn.org.br/wp-content/uploads/2018/04/codigo-de-etica.pdf>.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>.

CUNHA, L. M. da. **Modelos Rasch e Escalas de Likert e Thurstone na medição de atitudes**. 78 f. 2007. Dissertação (Mestrado em Probabilidades e Estatística). Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2007. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/1229/1/18914_ULFC072532_TM.pdf

GOMES, Sávio Marcelino. **Vulnerabilidade de pessoas transgênero à insegurança alimentar**. 2022. 107f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/48585>.

GOMES, Sávio Marcelino; JACOB, Michele; ROCHA, Cecília; MEDEIROS, Maria; LYRA, Clélia; NORO, Luiz. *Expanding the limits of sex: a systematic review concerning food and nutrition in transgender populations*. **Public Health Nutr.** 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33866993/>.

MANZATO *et al.*, **A Elaboração de Questionários na Pesquisa Quantitativa**. UNESP, 2012. Disponível em: https://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2012_1/ELABORACAO_QUESTIONARIOS_PESQUISA_QUANTITATIVA.pdf

Nagata JM, Ganson KT, Austin SB. *Emerging trends in eating disorders among sexual and gender minorities*. **Curr Opin Psychiatry.** 2020 Nov;33(6):562-567. doi:

10.1097/YCO.0000000000000645. PMID: 32858597; PMCID: PMC8060208.
Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32858597/>

RIZZIERI, Luiza Bortolatto; SILVA, Danielle Lodi. **Relato de experiência sobre atendimento nutricional em um ambulatório de atendimento de pessoas trans e não binárias: reflexão da abordagem universitária sobre o assunto.** 2021.

Disponível em:

<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/download/3638/6733>.

ROCON, Pablo Cardoso et al. Desafios enfrentados por pessoas trans para acessar o processo transexualizador do Sistema Único de Saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação.** v. 23, e180633, 2019. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/Interface.180633>.

ESTIMA, C. C. P.; SILVA, M. V.; VIANNA, M. Diagnóstico de Transtorno Alimentar na população LGBTQIA+: transtorno alimentar ou uma questão relacionada a identidade sexual e de gênero? **Revista Mangút: Conexões Gastronômicas.** ISSN 2763-9029. Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 89-104, dez. 2023. Disponível em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/mangut/article/view/61240/40198>